

Securitização digital: pânico, neoliberalismo e conflitos nas redes sociais ¹

Mateus de Almeida ALVES ²

RESUMO

As redes sociais, heterogêneas em suas plataformas e estilos comunicacionais, funcionam como vetores primários na disseminação de discursos de securitização conforme conceptualizados pela Escola de Copenhague. Essa abordagem teórica enfatiza o papel do discurso na transmutação de questões ordinárias do debate público em ameaças existenciais, processo catalisado por narrativas de pânico que coagem a audiência a aceitar medidas excepcionais, sempre sob a lógica do capitalismo comunicacional. A dinâmica de securitização pode ser observada não só em cenários de conflito, como a guerra na Ucrânia e os recentes eventos no Oriente Médio, mas também em diferentes contextos. No Brasil, essa dinâmica se manifesta em discussões sobre a austeridade neoliberal e a liberdade de expressão. A presente pesquisa visa analisar a evolução do discurso securitizador no ambiente digital, investigando suas bases ideológicas e sua influência no cenário geopolítico global e doméstico.

PALAVRAS-CHAVE: redes sociais; securitização; pânico; ideologia; sul global.

O conceito de “rede social” é vasto e não homogêneo, englobando diversas tecnologias, plataformas e estilos de comunicação, cada qual com suas particularidades e públicos. Com o aprofundamento da plataformação, algumas dessas redes, como o X (antigo Twitter), tornaram-se ferramentas essenciais para a comunicação política *online*. Governos as utilizam para divulgar políticas, fomentar debates e, intrinsecamente, solidificar suas posições ideológicas em um cenário mundial cada vez mais polarizado entre o neoliberalismo do Ocidente e sua periferia e sistemas alternativos.

Para compreendermos o papel da Internet como instrumento de defesa da hegemonia do capitalismo comunicativo neoliberal, é importante salientar que a plataformação tem como lógica subjacente a transição da organização da Internet, em

¹ Trabalho apresentado no GP 15 - Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do 3º semestre do Mestrado em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, e-mail: mateusalves@gmail.com

meados da década de 1990, de um modelo estatal-militar-acadêmico (de inovação era impulsionada pelo complexo industrial-militar) para a lógica acadêmico-mercantil e de privatização geral. (Bolaño e Vieira, 2012). Essa transição não foi apenas uma mudança da lógica estatal para a privada, mas também da economia pública para a de mercado, com foco na privatização, regulação e globalização econômica e outros axiomas típicos do neoliberalismo.

Assim, num mundo onde capital e guerra estão intimamente entrelaçados, não é surpreendente, portanto, que plataformas criadas pelas *Big Techs* transcendam o papel meramente comunicativo em tempos de paz, tornando-se ferramentas cruciais em um mundo com conflitos intensificados e onde a securitização (a transformação de temas em ameaças existenciais) é cada vez mais comum. Um de seus principais usos é criar uma “política do pânico” que leva à securitização de diversas questões mesmo em períodos de relativa calma. Da mesma forma, a Internet e suas sub-redes são usadas para guiar a opinião pública e buscar consenso sobre as ações de grupos em conflito, um fenômeno observado desde o final do século XX, com blogs e mensagens instantâneas na Guerra dos Balcãs.³

O cenário atual da guerra entre Rússia e Ucrânia é um exemplo claro dessa dinâmica. Desde a invasão russa em fevereiro de 2022, as redes sociais se tornaram um espelho da polarização política e social que marca os tempos recentes. (Krikovic e Sakwa, 2022). Nos primeiros dias do conflito, por exemplo, as hashtags *#Russia* e *#Ukraine* alcançaram, respectivamente, 37,2 bilhões e 8,5 bilhões de visualizações no TikTok, demonstrando o impacto massivo e o engajamento digital nesse tipo de evento.

Poucos dias após o início do conflito, a internet se encheu de memes, vídeos virais e outros conteúdos que geraram grande engajamento nas redes sociais. Isso mostra que a disputa migrou para o domínio virtual, onde os lados em guerra travam uma batalha pela narrativa, buscando convencer o público da legitimidade de suas ações. (Hoskins e Ford, 2023).

De forma similar, os ataques do Hamas em Israel em 7 de outubro de 2023 geraram uma onda de reações e engajamento nas redes. Inicialmente, a solidariedade às vítimas israelenses dominou o ambiente virtual. No entanto, os intensos bombardeios em Gaza, as acusações de violações das leis humanitárias e o recrudescimento da retórica

³ <https://www.wired.com/1995/11/zamir/>

sionista mudaram a percepção online, tornando o *front* virtual crucial para as estratégias dos envolvidos no conflito. Um exemplo notável é o investimento de milhões de dólares feito por Israel em campanhas de anúncios no YouTube após 7 de outubro, buscando apoio da opinião pública ocidental (Martin et al., 2023).

Em outro contexto recente de intensa securitização, a pandemia de COVID-19 evidenciou o duplo papel das redes sociais. Elas foram essenciais para divulgar e implementar políticas de combate ao vírus, mas também se tornaram megafone para discursos negacionistas e delirantes de autoridades e grupos anti-ciência (Klein, 2023), que buscavam minimizar uma ameaça que resultou em milhões de mortes globalmente.

Os exemplos anteriores deixam claro o papel vital das redes sociais na disseminação, amplificação e reforço do discurso securitizador. Esse conceito foi inicialmente explorado por acadêmicos da Escola de Copenhague (EC), como Barry Buzan e Ole Wæver, que colocaram o discurso e a comunicação política no centro dos estudos de segurança. A EC enfatizou o processo de securitização de ameaças existenciais (reais ou não) sob uma ótica linguística, mostrando como esse processo vai além da política, resultando no que Wæver (1995) chamou de “política do pânico”.

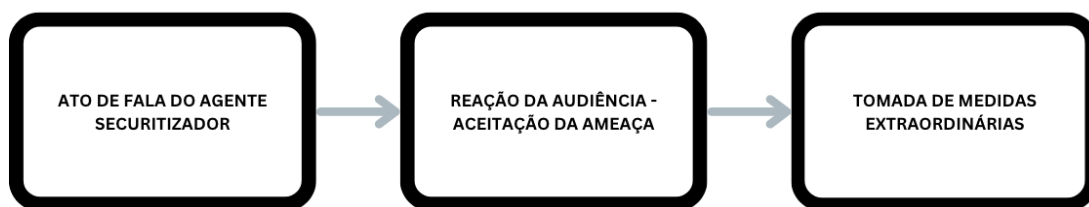


Figura 1: o processo de securitização segundo a Escola de Copenhague. Imagem do autor.

De acordo com a EC, o discurso de um agente securitizador, geralmente alguém da elite política, tem o poder de transformar uma questão passível de debate público em uma ameaça securitizada (Motta, 2018). É importante notar que essa ameaça vai além do âmbito político-militar tradicional dos Estados-Nação, abrangendo desde problemas reais como a crise climática até questões mais controversas, como a chegada em massa de imigrantes na Europa a partir da metade da década passada.

No processo delineado por Buzan e Wæver (1995), a adoção de medidas excepcionais segue uma lógica “de cima para baixo”, envolvendo, no mínimo, quatro componentes: objeto referente, agente securitizador, ato de fala e audiência. Buscando expandir essa compreensão da Escola de Copenhague (EC), e incorporando teorias e estudos mais recentes sobre securitização e comunicação, a atual pesquisa propõe aprofundar o exame das dinâmicas do discurso securitizador no contexto das redes sociais, com foco especial nos posicionamentos ideológicos e na hegemonia neoliberal presentes nesse discurso.

Para isso, a pesquisa fará uma análise quali-quantitativa de discursos sobre securitização em plataformas digitais. Além de seguir metodologias de análise de redes, conteúdo e discurso de autores como Recuero (2011), Bardin (2010), Foucault (1996), Lindgren (2016) e Maingueneau (1997), a análise usará ferramentas de web scraping e análise de dados para construir o *corpus* da pesquisa a partir do discurso nas redes sociais de atores com poder securitizador no Brasil e no Mundo.

Para entender melhor as forças por trás dessas dinâmicas, a pesquisa também considera crucial definir o contexto global atual. Isso envolve mapear o alinhamento ideológico dos discursos dos agentes mencionados em relação ao confronto ontológico entre o Ocidente e o Sul Global.

Pesquisadores como Andrej Krikoiv (Universidade de Moscou) e Richard Sakwa (Universidade de Kent) argumentam que para entender o conflito entre Rússia e Ucrânia, é preciso compreender o choque ontológico subjacente. Esse embate envolve “diferentes representações das mecânicas da política internacional e representações da ordem global” (2022). O filósofo italiano Maurizio Lazzarato, em sua obra *O que a guerra da Ucrânia nos ensina* (2023), também enfatiza o papel crucial desse conflito na emergência de uma nova ordem mundial pós-unipolaridade. À medida que as divisões político-ideológicas entre o Ocidente e o Sul Global se aprofundam, torna-se visível a complexa interação entre o discurso dos agentes securitizadores, a audiência e a polarização político-conceitual em escala mundial.

Com base nos exemplos acima citados, a pesquisa evidencia que o discurso de securitização se entrelaça com perspectivas ideológicas, influenciando agendas políticas globais (Žižek, 1996). Um exemplo claro disto é o aprofundamento de políticas neoliberais de austeridade em todo o mundo, fruto da securitização do realismo capitalista descrito por Mark Fisher (2020).

Esse entrelaçamento do discurso de securitização com perspectivas ideológicas, influenciando agendas políticas globais, pode ser mais profundamente compreendido à luz da análise de César Bolaño (2003) sobre a reestruturação capitalista e a ascensão da “economia do conhecimento”. Segundo o autor, as tecnologias da informação e da comunicação (TICs), embora não sejam a única causa, desempenham um papel revolucionário nesse processo, impactando todos os setores da economia, as esferas pública e privada, e o próprio Estado. A globalização neoliberal, impulsionada pelo grande capital multinacional, amplifica sua capacidade de ação geográfica, reduzindo a capacidade de controle dos estados nacionais individuais, especialmente os da periferia.

Nesse contexto, o discurso de securitização se torna uma ferramenta poderosa para propagar agendas políticas, especialmente as mais extremistas. A “sociedade do espetáculo” produz a tela perfeita para a manipulação e a desinformação (Bolaño, 2003), transformando a política em show.

Nas redes sociais, o discurso se espalha e se intensifica de forma rápida e eficiente. Na era da pós-verdade e das fake news, a securitização se tornou uma ferramenta poderosa para propagar agendas políticas, especialmente as mais extremistas. O Brasil, um dos países onde esses extremismos mais se aprofundam, não está imune ao uso das redes para processos securitizadores com os mais variados alvos, como a já citada ampliação de políticas de austeridade e os alegados “ataques à liberdade de expressão” por parte do STF.

De acordo com dados levantados por Gisele Souza, na revista digital TechTudo⁴, a utilização dessas redes sócio-tecnológicas tem amplo alcance na população brasileira. Embora o WhatsApp seja a plataforma mais popular, sua característica de grupos de pessoas reunidas em torno de mesmos interesses leva à criação de *echo chambers* que não servem como amostras para a pesquisa (Plaw et al., 2020). Essa lógica se aplica similarmente a outras plataformas de mensagens instantâneas, como o Telegram.

Dessa forma, ambientes virtuais que possibilitam diálogo (muitas vezes beligerante) revelam-se mais frutíferos para a análise qualiquantitativa do discurso securitizador e do posicionamento ideológico de seus participantes. O YouTube, com 142

⁴ <https://www.techtudo.com.br/listas/2023/07/qual-a-rede-social-mais-usada-em-2023-a-resposta-vai-te-surpreender-edapps.ghhtml>

milhões de usuários no Brasil, o Instagram, com 113,5 milhões, e o Facebook, com 109,1 milhões, são plataformas de imensa popularidade no país, fato que capacita uma coleta de dados de quantidade e qualidade desejadas.

A presente também traz a proposta de observar o papel das redes sociais na transformação da dinâmica tradicional do discurso de securitização (Umansky, 2022). A rapidez audiovisual de plataformas como TikTok e Instagram (com seus Stories), mesmo com a fragmentação política que elas geram, contribui para homogeneizar os atores no processo securitizador. Ao colocar a própria população no centro do discurso, quebra-se a ideia de uma “audiência passiva”, que, segundo a Escola de Copenhague, apenas “aceitava” ou não a necessidade de securitizar ameaças.

O período pós-2016 revelou uma nova dinâmica na distribuição político-conceitual dos discursos nas redes sociais. As tradicionais definições de direita e esquerda, consolidadas desde o século XIX, estão se desfazendo. No conflito Rússia-Ucrânia, por exemplo, publicações online mostram posicionamentos ambíguos. Desde 2022, é notável o apoio de setores antes identificados com a esquerda a Vladimir Putin, cujo governo é conservador, capitalista e autoritário, antítese das ideias progressistas e libertárias que historicamente marcavam a esquerda e a extrema-esquerda (Pomerantsev, 2019).

Em paralelo a essa infidelidade ideológica, aprofunda-se o choque ontológico entre Ocidente e Sul Global. O Ocidente, bloco que inclui EUA, Canadá, União Europeia, Japão, Coreia do Sul, Austrália e Nova Zelândia, representa a hegemonia unipolar neoliberal pós-Guerra Fria. Já o Sul Global abrange economias em desenvolvimento lideradas pelos BRICS+ (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), com sistemas político-ideológicos diversos. (Stuenkel, 2021). A este bloco somam-se outros países que também compartilham um crescente descontentamento com a hegemonia dos EUA e aliados, e com a dominância do dólar.

Com o propósito de ampliar a compreensão sobre os processos político-comunicacionais de securitização, a pesquisa busca expandir a teoria da Escola de Copenhague para um mundo no qual as redes sociais têm presença ubíqua, considerando a abordagem teórica original datada. Assim, o estudo visa aprofundar a literatura sobre esse tema pouco explorado e evidenciar como a democracia e o Estado moderno são erodidos por forças conservadoras e anti-humanistas também nos ambientes virtuais.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Ed. rev. e actual ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

BOLAÑO, C. R. S. (2003). Impactos sociais e econômicos das tecnologias da informação e da comunicação: hipóteses sobre a atual reestruturação capitalista. **Conexão - Comunicação E Cultura**, 1(02). Recuperado de <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/87>.

BOLAÑO, C. R. S.; VIEIRA, E. S. (2012). Economia Política da Internet: sites de redes sociais e luta de classes. XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM – 4 a 7/9/2012. **Anais**.

Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/r8-0126-1.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2025.

BUSAN, Barry; WÆVER, Ole; WILDE, Jaap de. **Security: a new framework for analysis**. Boulder: Lynne Rienner, 2013.

CARVALHO, Gustavo de. Global south: the “rest” vs. the west? In: **ISPI**. 2023. Disponível em: <https://www.ispionline.it/en/publication/global-south-the-rest-vs-the-west-157988>. Acesso em: 6 maio 2024.

DOWNING, Joseph. **Critical security studies in the digital age: social media and security**. Cham: Palgrave Macmillan, 2023

FISHER, Mark. **Realismo capitalista**. [s.l.] : Autonomia Literaria, 2020.

FORD, Matthew C.; HOSKINS, Andrew. **Radical war: data, attention and control in the twenty-first century**. New York, NY: Oxford University Press, 2022.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GIL, Gabriel de Siqueira. Maurício Tragtenberg: o “marxista anarquizante” frente a Era Digital. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, São Cristóvão, v. 26, n. 1, p. 138–151, 2024. DOI: 10.54786/revistaepic.v26i1.20258. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/epic/article/view/20258>. Acesso em: 5 jul. 2025.

KLEIN, Naomi. **Doppelganger: a trip into the mirror world**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2023.

KRICKOVIC, Andrej; SAKWA, Richard. War in Ukraine: The Clash of Norms and Ontologies. **Journal of Military and Strategic Studies**, V. 22, n. 2, p. 89-109, 2022. Disponível em: <https://jmss.org/article/view/76589>.

LINDGREEN, S. Introducing Connected Concept Analysis: A network approach to big text datasets. **Text & Talk**, v. 36, n. 3, p. 341-362, 2016.

Disponível em: DOI: <<https://doi.org/10.1515/text-2016-0016>>. Acesso em: 29 set. 2023.

LAZZARATO, Maurizio. **O que a guerra da Ucrânia nos ensina**. São Paulo: N-1, 2023.

MARTIN, L; GOUJARD, C.; FUCHS, H. Israel floods social media to shape opinion around the war. **Político**. Outubro de 2023. Disponível em <https://www.politico.eu/article/israel-social-media-opinion-hamas-war/>.

MOTTA, Barbara V. C. **Securitização e política de exceção**: o excepcionalismo internacionalista norte-americano na Segunda Guerra do Iraque. São Paulo: ed. Unesp, 2018

PLAW, Avery; GURGEL, Barbara Carvalho; PLASCENCIA, David Ramírez (Org.). **The politics of technology in Latin America. Volume 1**: Data protection, homeland security and the labor market. London; New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2021.

POMERANTSEV, Peter. **This is not propaganda**: adventures in the war against reality. New York: PublicAffairs, 2019.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. 2. ed. rev. e ampl ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

STUENKEL, Oliver. **O mundo pós-ocidental**: potências emergentes e a nova ordem global. São Paulo: Zahar, 2021.

UMANSKY, Natalia. **Who gets a say in this? Speaking security on social media**. New Media & Society, [s. l.]. 2022.
Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/14614448221111009>. Acesso em: 11 maio 2024.

ŽIŽEK, Slavoj (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.